

A HISTÓRIA DO BRASIL ATRAVÉS DOS SELOS

CAP. 5 - A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

Pero Vaz de Caminha (1450 — 1500), foi um fidalgo português que se notabilizou nas funções de escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral.

Foi também vereador na cidade portuguesa do Porto em 1500 foi nomeado escrivão da feitoria a ser erguida em Calecute, na Índia, tendo viajado na nau capitânia da armada de Pedro Álvares Cabral em abril daquele mesmo ano para assumir seu cargo quando os portugueses descobriram o Brasil.

Tradicionalmente aceita-se que Caminha faleceu em um combate durante o ataque muçulmano à feitoria de Calecute, em construção, no 16 ou 17 de dezembro de 1500.

Caminha eternizou-se como o autor de uma carta, datada de 1 de Maio, ao soberano rei português Dom Manuel, tida como um dos três únicos testemunhos desse descobrimento (os outros dois são a Relação do Piloto Anônimo e a Carta do Mestre João Faras).

Mais conhecido dentre os três, a Carta de Pero Vaz de Caminha é considerada a certidão de nascimento do Brasil embora, descoberta na Torre do Tombo em Portugal e publicada na Imprensa Régia do Rio de Janeiro em 1817, mas vindo ao público somente em 1843 na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, graças ao historiador Francisco Adolfo de Varnhagem.



RHM C-1395 - 1º Aniversário do Edifício-Sede da União Postal das Américas e Espanha em Montevideo, Uruguai: Pero Vaz de Caminha escrevendo a carta do descobrimento

Clique no QR Code e conheça:



Carta de Pero Vaz de Caminha



Carta do Mestre João Faras



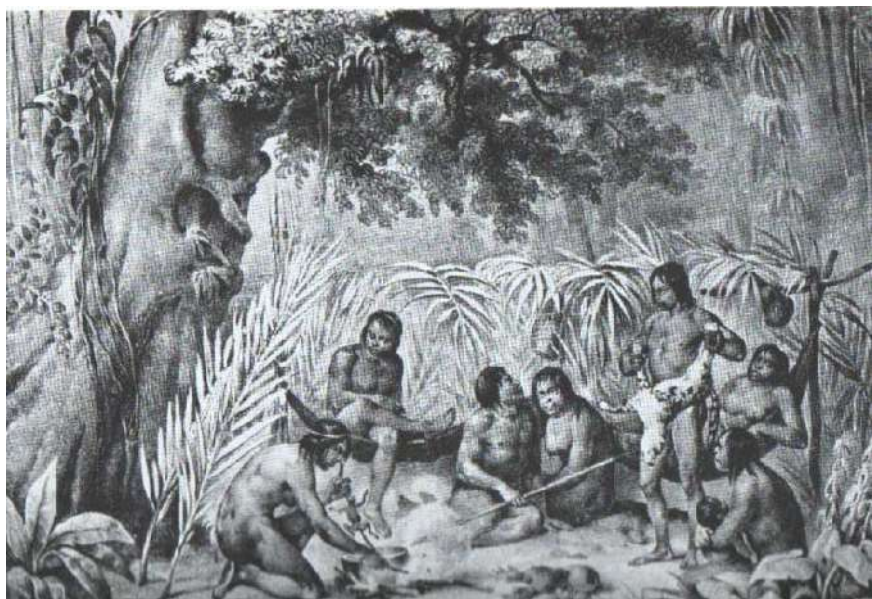
Relação do Piloto Anônimo

A HISTÓRIA DO BRASIL ATRAVÉS DOS SELOS

CAP. 6 - OS INDÍGENAS

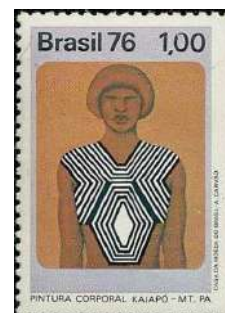
Os povos que habitavam o Brasil na época da descoberta viviam na Idade da Pedra, entre a passagem do Paleolítico para o Neolítico, uma vez que praticavam uma incipiente agricultura (milho e mandioca) e domesticação de animais (porco do mato e capivara). Conheciam e se utilizavam do fogo para cozer os alimentos, além de prepararem uma bebida fermentada chamada cauim, com cascas, raízes ou folhas. Interessante notar que as partes dos vegetais que usavam era cozida, em seguida mastigada e cozida novamente. As enzimas da saliva quebram o amido em açúcares fermentáveis, mesmo princípio usado na produção do saquê (bebida alcoólica japonesa).

Quando da chegada ao Brasil pelos portugueses, o litoral baiano era ocupado por duas nações indígenas do grupo linguístico tupi: os tupinambás, que ocupavam a faixa compreendida entre Camamu (Bahia) e a foz do rio São Francisco; e os tupiniquins, e que se estendiam de Camamu até o limite com o atual estado brasileiro do Espírito Santo. Mais para o interior, ocupando a faixa paralela àquela apropriada pelos tupiniquins, estavam os aimorés.



“Índios em suas cabanas”, de Johann Moritz Rugendas

No início do processo de colonização do Brasil, os tupiniquins apoiaram os portugueses, enquanto seus rivais, os tupinambás, apoiaram os franceses, que durante os séculos XVI e XVII realizaram diversas ofensivas contra a América Portuguesa. A presença dos europeus incendiou mais o ódio entre as duas tribos, ódio relatado por Hans Staden, viajante alemão, em seu sequestro pelos tupinambás. Ambas as tribos possuíam cultura antropofágica com relação aos seus rivais, característica que durante séculos não fora compreendida pelos europeus, o que resultou na posterior caça àqueles que se recusassem a mudar esse hábito.



RHM C-927 A C-929
Preservação da Cultura Indígena no Brasil



RHM C-2418
Homenagem a Madalena Caramuru
Primeira mulher alfabetizada no Brasil

A HISTÓRIA DO BRASIL ATRAVÉS DOS SELOS

CAP. 7 - CAPITANIAS HEREDITÁRIAS

O insucesso das expedições guarda-costas de Cristóvão Jacques assim como o aumento do tráfico de pau-brasil e outros gêneros por corsários estrangeiros, principalmente franceses no litoral do Brasil, em um momento de crise do comércio português no Oriente, foram os motivos para a iniciativa de colonização do Brasil por Portugal.

As capitanias do Brasil foram uma forma de administração territorial implantada pela metrópole, devido a falta de recursos e condições de colonização. O sistema já havia dado certo nas Ilhas da Madeira e Cabo Verde.

Foi inicialmente implantado no Brasil com a doação a Fernão de Noronha, da Ilha de São João (atual ilha de Fernando de Noronha), por Carta Régia de Dom Manuel I em 1504. Efetivamente a implantação das capitanias foi estabelecido apenas em 1532 mas só começou em 1534.

Neste ano foram criadas 14 capitanias hereditárias divididas em 15 lotes. Os beneficiários, em número de doze, eram pessoas da pequena nobreza de Portugal, com um sistema de donatários combinando elementos feudais e capitalistas,

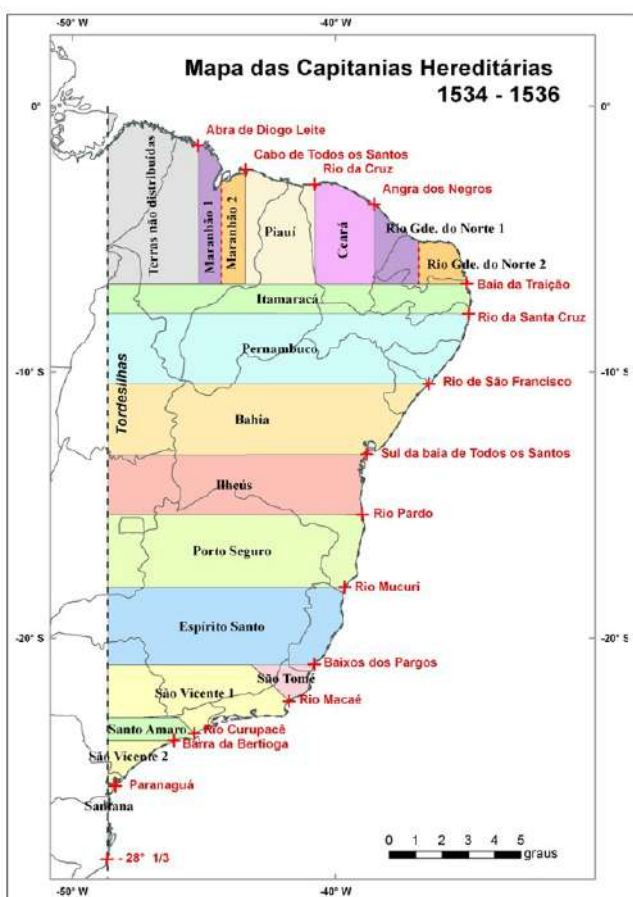


Figura 10 – Proposta do novo mapa das capitanias hereditárias. Desenho do autor.

Segundo o costume da época, o rei concedia partes dos seus poderes a empreendedores (donatários) que realizavam, por conta própria os serviços governamentais, cobrando

1932 - Selos do 4º Centenário da Fundação de São Vicente e Colonização por Martin Afonso de Souza



RHM C-41 - Tratado de Tordesilhas



RHM C-43 - Martin Afonso de Souza



RHM C-44 - Dom João III



RHM C-45 - Martin Afonso em São Vicente

impostos dos colonos e repassando parte para o rei.

O donatário constituía-se na autoridade máxima dentro da própria capitania, tendo o compromisso de desenvolvê-la com recursos próprios. De todas as capitanias, as que mais se desenvolveram foram a região da Nova Lusitânia (atual Pernambuco) seguido pela Capitania de São Vicente (no litoral de São Paulo).

A Capitania da Baía de Todos os Santos após a morte de seu donatário, foi vendida pela viúva à Coroa, para a instalação da sede do governo-geral com a fundação da cidade do Salvador (1549).